

GISLANE CRISTIANE MACHADO TÔRRES<sup>1</sup>

Angariando crescente interesse no campo historiográfico as escritas biográficas têm contribuído no sentido de dar voz e espaços a personagens silenciados e, a partir destas, compreender dinâmicas que afetam o contexto social de maneira ampla e a trajetória específica dos sujeitos. O personagem central desse texto é o literato J. Miguel de Matos, sujeito que abarca em suas experiências sucessivas campanhas nas quais tenta eleger-se como sócio efetivo/imortal da Academia Piauiense de Letras, também conhecida como Casa de Lucídio Freitas.

No contexto piauiense da década de 1970, carente de práticas culturais e de formas de visibilidade literária, o ingresso na Academia Piauiense de Letras, instituição cultural mais antiga no Piauí, representa oportunidade de reconhecimento social, uma forma de distinção no universo de literatos atuantes no Estado. A eleição para esse sodalício legitima um conjunto de práticas e produções reconhecidas socialmente distintas daquelas praticadas, por exemplo, por literatos alternativos e marginais. Em um Estado marcado pela ditadura militar, dependente economicamente dos repasses do governo federal, vivendo um marasmo cultural em virtude da falta de atividades e com público leitor reduzido buscando também a construção de uma identidade nacional também por meio da escrita (ORTIZ, 1985) os literatos pertencentes a agremiações tradicionais gozavam de privilégios como edição de livros e participação de comissões editoriais. A destemida luta de J. Miguel de Matos em adentrar a Casa de Lucídio de Freitas representa para esse literato e para a comunidade no qual está inserido a afirmação de sua qualidade enquanto literato garantindo-lhe lugar de destaque na produção cultural piauiense.

Criada no Piauí em 1917, a APL ou Casa de Lucídio Freitas pode ser identificada como uma instituição que em sua trajetória alia aquilo que o acadêmico Manoel Paulo Nunes chamou de tradição e invenção. Ao mesmo tempo em que esta preza pela preservação da cultura letrada produzida por literatos, bacharéis, historiadores, políticos, entre outros, deve oportunizar a abertura de espaço para a emergência de novos valores literários. Segundo M. Paulo Nunes, “evidentemente que as academias são o repositório da tradição [...] elas são, ao

---

<sup>1</sup> Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus Teresina Zona Sul. Mestre em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí. Email: [gislanetorres@yahoo.com.br](mailto:gislanetorres@yahoo.com.br).



mesmo tempo, repositórios da tradição e propulsoras do espírito de invenção, ou seja, de renovação, sem a qual o espírito se esclerosa.” (NUNES, 1993: 40-41). Desse modo, a trajetória da Academia Piauiense de Letras nos anos 1960 e 1970 mostra a relação entre tradição e invenção e revela jogos de representações que visavam solidificar o poder legitimador da instituição no cenário literário do Piauí, poder que procurava controlar e formular sentidos até mesmo para as novas produções.

A literatura produzida no Piauí na década de 1970 possui um caráter diverso em virtude dos grupos culturais nela atuantes (com suas propostas e significações várias dadas às suas obras), das instituições legitimadoras das práticas culturais, além da atuação do poder público no tocante a projetos de valorização e editoração a exemplo do Plano Editorial do Estado de 1972. Em torno desse projeto editorial, o cenário cultural da década de 1970 se movimentou perante as obras a serem escolhidas e também em torno dos autores e serem selecionados gerando disputas por legitimação e visibilidade onde as escolhas e, por conseguinte, as críticas recaíam, em sua maioria, para escritores ligados a Academia Piauiense de Letras.

J. Miguel de Matos, literato piauiense representa o universo dos intelectuais ligados à Casa de Lucídio Freitas, e que em sua trajetória contemplou duas possibilidades de atuação literária. Analisamos sua obra e nela percebemos dois momentos distintos: de um lado as obras e pronunciamentos na imprensa produzidos antes de seu ingresso na Academia Piauiense de Letras contemplam o desejo em tornar-se um acadêmico imortal, bem como os ressentimentos diante das derrotas sofridas nas campanhas visando sua entrada no sodalício, por outro lado temos seus escritos pós-1973, ano de seu ingresso na instituição, nos quais se percebe a preocupação em construir uma boa imagem da instituição constantemente criticada por alternativos e marginais, bem como valorizar e construir sua imagem como literato a ser reconhecido. As escritas de J. Miguel de Matos nesse segundo momento apontam para a construção de uma imagem do sodalício numa tentativa de também valorizar e legitimar sua imagem como literato reconhecido.

A análise de sua produção literária aponta várias vertentes para o entendimento do mundo cultural piauiense da década de 1970, entre elas a fragilidade da crítica literária produzida no Estado. O posicionamento de J. Miguel de Matos, sobretudo se tomarmos por base seus esforços em três campanhas sucessivas para ingressar na Academia Piauiense de Letras, nos auxilia o entendimento do que significava à época ser imortal, como se



comportavam os acadêmicos, além do tipo de distinção que se podia alcançar com a imortalidade literária.

Suas narrativas antes da entrada na Casa de Lucídio Freitas são de crítica à instituição, sugerindo que a posse do canudo, o pergaminho, o anel e a toga eram os requisitos necessários para fazer parte de seus quadros. Contudo, apesar das críticas dirigidas à APL, em especial, após suas duas derrotas iniciais, J. Miguel de Matos não pode ser identificado como adepto do grupo que propõe a renovação do cenário cultural local, mas sim com aqueles que desejavam oficializar e legitimar seu discurso, a partir do acesso a uma instituição de reconhecido poder de atuação e legitimação dos escritores e de suas práticas. As fontes que dão sustentação a esta análise da trajetória de J. Miguel de Matos constituem-se de textos jornalísticos localizados na coluna semanal que este literato publicava no jornal *O Estado* e nas antologias *Perfis* e *Mosaico*, obras nas quais o autor constrói pequenas biografias e críticas literárias de nomes importantes da literatura brasileira.

Na obra *Perfis* (MATOS, 1974), J. Miguel de Matos biografou nomes da literatura nacional e regional como Joaquim Maria Machado de Assis, D. Avelar Brandão Vilela, Lilizinha Castelo Branco, Pe. Joaquim Ferreira Chaves e reuniu escritos reveladores das disputas da época, na quais aparecem os seus ressentimentos, tendo em vista sua entrada na APL. A obra traz os discursos e os posicionamentos do autor acerca do cenário cultural, apontando desejos, tecendo críticas, expondo ressentimentos e, também, fazendo elogios, revelando sua vontade em inserir-se no mundo literário oficial, posto que até esse momento suas produções não encontravam grande repercussão no cenário literário local em virtude de fatores como dificuldades de edição e ausência de público leitor no Estado. Em vários trechos da obra reforçam-se essas características, com a finalidade de chamar a atenção para si, ao criticar ou elogiar determinados escritores. A produção de inúmeras dedicatórias da obra apontava aquelas pessoas que, em sua opinião, contribuíram para o desenvolvimento cultural, social e econômico do Piauí, buscando com isso, uma aproximação com os elogiados, a fim de conquistar simpatia e apoio.

As dedicatórias e elogios contemplaram: Armando Madeira Basto, coordenador da Assessoria de Comunicação do Governo; A. Tito Filho, presidente da Academia Piauiense de Letras; Júlio Lopes Lima, presidente da Companhia Energética do Piauí S.A; tenente-coronel William Serrão Tupinambá, comandante da Guarnição Federal de Teresina; coronel Canuto Tupy Caldas, comandante geral da Polícia Militar do Piauí; major Joel da Silva Ribeiro, prefeito de Teresina entre 1971-1975; Valter Alencar, diretor da TV Rádio Clube; jornalista



Helder Feitosa, diretor do jornal *O Estado*; Raimundo Barbosa Marques, antigo colega do autor dos tempos do Liceu Piauiense e Raimundo Wall Ferraz, Secretário de Educação e Cultura do Piauí.

As escritas de J. Miguel de Matos indicam além do reconhecimento das ações desses sujeitos o desejo de associar sua imagem à destes homens, fazendo com que os citados o reconheçam como pessoa próxima. No caso deste livro, como nas demais obras de antologias, a referência aos escritores citados não ocorre apenas em virtude da sua significação para a literatura piauiense, mas como uma tentativa do escritor de forjar uma tradição literária, formando um grupo de escritores que, ao se citarem mutuamente valorizam suas trajetórias e práticas em comum, em detrimento de demais posturas e intelectuais, promovendo, por meio da escrita, a identidade de escritores e instituições.

Os textos reunidos em *Perfis* foram escritos em momentos diferentes e embora não datados, permitem perceber que foram produzidos entre o final dos anos 1960 e os meados de 1973, e registram os posicionamentos do autor sobre os rumos da cultura local bem como suas desilusões com as derrotas nas tentativas de ingresso na APL. Em inúmeras passagens, J. Miguel de Matos afirma que o objetivo dos textos era propor uma apreciação crítica da obra de escritores piauienses e de outras regiões, servindo, contudo, em muitos casos, como retribuição aos votos recebidos nas candidaturas à APL, crítica àqueles que lhe negaram votos ou a quem criticava suas ações, bem como pedido de desculpas a pessoas com as quais havia se desentendido. O autor tinha clareza do poder da escrita e dos elogios num cenário cultural carente de visibilidade e apoios a suas publicações, em que as obras, falas, elogios e críticas dão suporte à construção de imagens e representações sobre o fazer literário.

Em cenário marcado por acontecimentos e disputas por espaço e legitimação, o autor de *Perfis* continuamente recusa-se a identificar sua obra com as tensões desse processo de legitimação e visibilidade no campo literário. Ao defender uma possível imparcialidade de sua obra, J. Miguel de Matos afirma:

*[...] esta obra não tem por escopo dizer quem deve ou não deve alcançar a imortalidade acadêmica, pretendendo apenas mostrar, pelo estudo crítico honesto, para julgamento geral ou em particular dos oficiais da literatura entre nós, a verdadeira gama cultural dos que se agitam como estetas das letras, no panorama largo e extenso do Piauí, ficando, todavia o seu autor certo de uma coisa: consolar aqueles que, marginalizados, necessitam, para desafogo de suas angústias que sabem esconder tão bem, do julgamento imparcial da história literária desta província de Mafrense, mesmo para um sorriso, apenas, dentro da noite de sua solidão e de seu esquecimento.*(MATOS, 1974:155)

Mesmo negando o que fica evidente em sua escrita de estilo metafórico e em alguns momentos laudatórios, a obra de J. Miguel de Matos pode ser entendida como denúncia da realidade literária estadual, marcada pela crítica elogiosa e pelo acesso às instituições em virtude dos nomes de família e das posições ocupadas nos campos econômico e político. Embora não queira de todo desqualificar os membros da APL ao reconhecer a inteligência de seus membros e seu papel como instituição viva e aberta a escritores de variados estilos e tendências, essa avaliação não o impedem de reconhecer as injustiças praticadas pelos homens de letras, ao permitirem o acesso ao sodalício de nomes pouco representativos. Sobre o acesso destes à Academia, afirma que:

*[...] há muita injustiça na pesagem e na medida dos valores que se immortalizaram, entre nós, com o fardão da Academia Piauiense de Letras, diariamente julgados através de informações biográficas, que quase nada podem mostrar do que anda na cabeça dos homens de pensamento que agora se acham, depois de vencerem tantas batalhas nas lutas do espírito, no justo repouso da glória. (MATOS, 1974: 236)[Grifos do autor]*

Os ressentimentos de J. Miguel de Matos afloram, ao se reconhecer como escritor renovador e crítico coerente, especialmente pelas derrotas nas tentativas de ingresso na APL. Segundo Pierre Ansart, os sentimentos dos homens devem ser observados em suas trajetórias, cabendo aos pesquisadores não se aterem tão somente aos sentimentos ditos positivos, mas considerar também os medos, as angústias, as frustrações, os desejos de vingança e as hostilidades ocultas que se revelam através de variadas atitudes, pois essas emoções forjam práticas sociais, que, servindo como táticas, procuram conquistar espaço, ao serem reforçadas ou refutadas pelos indivíduos que as possuem, interferindo na construção da identidade individual e dos grupos com os quais esses se relacionam. (ANSART,2004: 15-36).

No caso de J. Miguel de Matos, esse literato utiliza seus ressentimentos, originários das supostas desconsiderações feitas a si e a seus escritos, para ganhar visibilidade, angariar recursos e conseguir espaços para a veiculação de suas produções. Utilizando como tática recorrente em seus discursos a referência às exclusões sofridas, o autor passa a exigir e conseguir edição para suas obras, o que auxiliaria seu acesso à imortalidade acadêmica, bem

como para adquirir maior interferência no cenário político local, conforme pode ser visto na matéria a seguir:

*[...] do acadêmico J. Miguel de Matos: “minhas tentativas de ingressar na vida administrativa do Piauí – meu Estado natal – não tem obtido êxito, tirando-me qualquer possibilidade de trabalhar melhor pela minha terra, ainda a mais pobre do Brasil. Assim, se continuar marginalizado terei de ingressar quanto antes na vida política para lutar bravamente por este povo que permanece desgraçadamente distante de uma vida mais digna e mais possível de tolerar. Ninguém desconhece que o meu partido, como não poderia de ser é o da oposição em que poderei achar, pela tribuna, que é a praça do político, o campo de luta capaz de levar para frente uma comunidade que continua para trás. O tempo dirá se estou com conversa fiada. (MATOS, 1975: 7)*

Essas tentativas do autor de se inserir na vida pública - política ou cultural - revelam não apenas o desejo de reconhecimento, mas também as limitações da sobrevivência por meio da escrita. Aposentado no serviço militar, a projeção social por meio da atuação no cenário literário ou político, possibilitaria a J. Miguel de Matos maior visibilidade, algo crucial para um escritor que se quer reconhecido, editado e conhecido pelo público leitor. Ao reforçar por meio da escrita seus ressentimentos, esse autor investe contra o perfil da crítica, em geral elogiosa, feita aos intelectuais imortais, muitas vezes produzidas por eles mesmos, critica também o processo editorial do Estado e, sobretudo, os jovens escritores que não o reconhecem como alguém significativo para a literatura piauiense. Ao construir para si uma imagem de crítico criterioso, identifica nesta prática algo capaz de favorecer seu ingresso na APL. Segundo ele,

*[...] por este comportamento que assumi perante a literatura piauiense, assistindo, no terrível dia- a- dia da nossa vida cultural, a germinação de obras que não resistem ao tempo – por fracas, inúteis e vazias – venho granjeando o ódio de uns e a antipatia de outros, que obstaculam a minha caminhada para a imortalidade acadêmica, quando deveriam se tornar maiores do que eu pela cultura, que seria a competição mais indicada por mais leal. Mesmo assim [...] continuo a minha jornada, de espada em punho como o Anjo Gabriel, decepando a cabeça das mediocridades engalanadas e cuidando, como uma sentinela indormida, das letras e das artes no Piauí. (MATOS, 1974: 35-36)*

Em seus textos, esse literato aponta uma série de vícios na crítica produzida no Piauí, em especial pelo fato de esta ser baseada na amizade e no elogio fácil, sem critérios claros e



coerentes. O fato de a crítica elogiosa não alcançar sua obra e consequentemente, não favorecer sua admissão às instituições, faz com que aponte falhas nos julgamentos dos críticos piauienses, citando ou não seus nomes. Contudo, por ser a obra *Perfis* escrita em momentos distintos, o cruzamento de informações permite identificar algumas pessoas a quem J. Miguel de Moura critica, a exemplo de A. Tito Filho. Apesar das críticas, o presidente da APL contribuiu significativamente para sua entrada no sodalício, numa postura que também pode ser entendida como tentativa de silenciamento ou enquadramento das ferrenhas críticas proferidas por J. Miguel de Matos. Na APL, esse escritor vai atuar em parceria com A. Tito Filho desenvolvendo importante ação junto à presidência, sendo eleito primeiro-secretário, sucessivas vezes.

A biografia do presidente da APL em *Perfis* traz o reconhecimento às suas ações no cenário cultural da cidade, mas também o critica devido à forma como elabora as críticas e prefácios:

*[...] na literatura piauiense A. Tito Filho tem sido uma espécie de guia, prefaciando uma quantidade incontável de obras, conduta que apresenta duas faces positivas para os incipientes: encoraja-os a enfrentar o bicho-papão da crítica especializada ou pública e incetiva-os, nos seus primeiros passos nos meandros das Letras, cometendo apenas o pecado – segundo me parece – de se exceder em louvores, com graves prejuízos para a maioria, que se envaidece e, por isso mesmo, já pensando que está consagrado diante da valiosa opinião de um Mestre como ele, reduzindo, por isso mesmo, a produção literária ou encostando, de uma vez, a pena ou deixando empoeirar a máquina de escrever. Esse comportamento que é nato da bondade nazarena de A. Tito Filho, às vezes gera ingratidões, como uma que assistimos há pouco tempo, de um poeta camoneano que, com alguns livros fracos publicados, com o mérito apenas do sentimento poético que nele é seivoso, armouse do direito de criticá-lo sem a prudência de ver nele, antes de mais nada, o seu antigo pai espiritual ou, pelo menos, para ser grato ao favor recebido, o generoso caminheiro que achou na estrada, que lhe estirou a mão e lhe deu, sem cobrar ou esperar a fome de luz que carregava na cabeça sonhadora. Há de se ressaltar, todavia, um outro aspecto da personalidade de A. Tito Filho, muito similar com a conduta do autor desta obra há muito reclamada pelo Piauí: a sua virulência na reação aos que lhe atiram pedras, devolvendo às vezes dez em que lhe joga apenas uma ou duas, jamais partindo de sua funda de David o primeiro petardo, ou o primeiro disparo do seu arcabuz. (MATOS,1974: 193-194)*

Ao lado das avaliações injustas, J. Miguel de Matos coloca outros vícios da produção literária do Piauí. Embora suas falas sejam localizadas na defesa de seus interesses, elas permitem observar algumas das táticas utilizadas por um escritor a fim de alcançar reconhecimento. As inclusões e exclusões que J. Miguel de Matos vivencia, no meio cultural piauiense, são significativas, possibilitadas a literatos que desejam alcançar instituições



oficiais, devendo burlar a falta de apoio dos que desejam que estas sejam formadas, em geral, por pessoas abastadas financeiramente, portadores de cursos superiores, membros de famílias importantes no cenário social e autores de obras reconhecidas. Das supostas exigências que J. Miguel de Matos julgava existir para o acesso a APL, apenas o possuir obras publicadas lhe permitiria acesso a essa instituição, daí a recorrência do autor em expor seus ressentimentos, criticar os literatos ligados à APL que lhe negaram votos e em reafirmar sua origem humilde, sem muito acesso à educação formal.

Referindo-se à edição de obras no Piauí, afirma que, no Estado, os literatos vivem de pires na mão, dependendo não somente dos recursos estatais, mas, sobretudo, de elogios fáceis que seriam:

*[...] a causa maior do nosso raquitismo literário [...] sempre em paga da oferta de um livro que chega às mãos do crítico especializado, do colega de ofício, do companheiro de repartição pública ou de amigo comum [...] sem passar a obra pela abertura de um estudo crítico e sem ser submetida ao crivo de opinião abalizada e honesta. (MATOS, 1974: 49)*

Desse modo, o autor afirma que publicar no Piauí é mais difícil que escrever e ainda que as poucas publicações não recebiam crítica coerente, por atingir um número restrito de consumidores. Esses entraves às aspirações dos intelectuais os faziam buscar o pertencimento a instituições, bem como o fortalecimento de amizades, o que contribuiria para a publicação de livros.

Referindo-se às dificuldades de edição, J. Miguel de Matos, ao traçar o perfil de Cristina Leite apontando-a como excelente escritora que fez inúmeras tentativas junto a COMEPI, para publicar a obra *Canções de hoje, canções de outrora*. Para ser publicada, a obra teve que ser apadrinhada com um prefácio de A. Tito Filho e só ocorreu após a morte da autora. Sobre as tentativas de Cristina Leite, reveladoras das dificuldades de acesso à edição financiada pelo poder público, J. Miguel de Matos escreveu:

*[...] não sei quantas vezes encontrei Cristina Leite carregando os originais de seu único livro – Canções de Outrora – demandando sempre, coisa que para muitos parecia um simples hábito, o velho casarão da Imprensa Oficial do Estado, tentando publicar, por obra e graça do governo do Estado, a sua obra que veio a enriquecer, depois da sua morte, em 1968, a estante cultural do Piauí. (MATOS, 1974: 114)*



Ao traçar o esboço biográfico da autora, J. Miguel de Matos analisa ainda a trajetória da publicação de sua obra, mostrando os destinos de um livro financiado pelo poder público que seria o de ser doado a escritores, bibliotecas e visitantes do Estado, que depois, agradecem a oferta por meio de cartas e textos na imprensa. Ao denunciar a falta de apoio estatal à maioria dos autores e obras, J. Miguel de Matos considera que produções importantes serão relegadas ao esquecimento, sem ao menos terem chegado às mãos do público:

*[...] certa vez cheguei a afirmar para um homem – ilustre advogado – que se considera expoente cultural (ou especificamente literária) todo aquele que edifica sua vida através do verbalismo oral, do título nobiliárquico, deixando em plano secundário as obras publicadas – cheguei a afirmar que, especialmente no Piauí ainda pobre de mão-estirada à caridade pública, refutando sua premissa, o mérito maior não está em escrever o livro, mas em publicá-lo, tal a indiferença do Estado como pessoa jurídica, à vida do escritor, que vai amontoando num canto da sua sala de trabalho, obras e mais obras [...] que vão servindo para repastar o apetite voraz das baratas e do cupim. De mim, para citar mais um exemplo, tenho, no momento que passa, dois livros inéditos: um, na posse do governo do Estado há quase dois anos, outro, na minha estante e este que, sem nenhuma dúvida, trilhando os mesmos caminhos, irá ser mastigado, muito breve, pelos comensais, silenciosos e ativos, citados acima: a barata e o cupim. (MATOS, 1974: 61)*

A utilização da escrita como uma espécie de arma que qualifica ou desqualifica nomes da literatura produzida no Piauí sugere seu uso como instrumento vingativo, veículo dos ressentimentos adquiridos pelo autor nas tentativas frustradas de ingresso na APL. O livro *Perfis* relata momentos de suas três campanhas, narrando as visitas feitas em busca de votos, os apoios recebidos, as incisivas negações e os esquecimentos de quem lhe havia prometido voto. Exemplo desses esquecimentos calculados foi o de D. Avelar Brandão Vilela, visitado por dois candidatos e que, no momento da eleição, anulou seu voto, a fim de não se indispor com nenhum deles. Eis o caso relatado de modo irônico pelo autor:

*[...] no dia da eleição (1º escrutínio), omitiu-se habilmente de votar em qualquer um dos candidatos, preferindo, prudente e sabiamente, que o Pastor decidisse em lugar do Acadêmico, permitindo que os derrotados, com o mesmo respeito e a mesma admiração, voltassem a beijar, reverentemente, a pedra do seu anel. (MATOS, 1974: 73)*



As surpresas com os votos negados adicionam-se também em *Perfis* as surpresas pelas conquistas de votos considerados perdidos, como o do professor e pesquisador Odilon Nunes:

*[...] deixei a casa do acadêmico Odilon Nunes inteiramente desiludido do seu apoio à minha candidatura, recebendo no dia da eleição a surpresa que estava fora das minhas mais longínquas cogitações: ele votou no meu nome, num gesto que me pareceu mais bondade do que de consciência. Para mim, marinheiro de primeira viagem na acidentada viagem da imortalidade, foi muita válida a conduta do acadêmico Odilon Nunes que, sem nada prometer, dá o apoio no dia da decisão, inversamente a outros que garantem o voto e dão-no, sem a menor sencermônia, comprometendo a austeridade de senescência, a outro pretendente, mesmo que isso, pela volúpia do espírito, não possa ser tachado de traição ou injustiça, como vaticinam alguns, inteiramente ignorantes de que, nas academias onde se supõe um ambiente repousante para uma vida intelectual menos intensa, otium cum dignitate – aí onde se imagina um lago azul sem névoas nem espumas, dormem, não raras vezes, abismos dissimulados. (MATOS, 1974: 232-223) [Grifos do autor]*

Defensor de que a idade, o sobrenome e a fortuna não podiam ser critérios para o acesso à Casa de Lucídio Freitas, J. Miguel de Matos critica a fragilidade dos critérios de votação daqueles que lhes recusaram votos, a exemplo de Fontes Ibiapina. O ressentimento em vista da negativa do folclorista aparece em trecho em que o acusa, sutilmente, de incoerente:

*[...] parece, porém, que o ilustre ocupante da Cadeira de Alcides Freitas na Academia Piauiense de Letras, não quis pervagar a própria picada que abriu ou não quis mais a cartilha que ele mesmo escreveu, como se atirasse fora, por desfastio, a bússula que, de motu próprio, colocou na mão para orientar seus passos, votando, anos depois em dois candidatos que, quando muito, possuíam – e ele sabia muito bem disso – aqueles títulos precários, derrotando um escritor que, se não vale muito pela profundidade de suas obras, mas que, pelo menos, deveria ser respeitado pela quantidade de livros publicados com ótima aceitação pública. (MATOS, 1974: 64-65) [Grifos do autor]*

Embora o cenário literário do Piauí, durante as décadas de 1960 e 1970, possa ser caracterizado pelas disputas entre autores e instituições por visibilidade, algumas rivalidades são, momentaneamente, esquecidas ou mesmo desfeitas quando o interesse é a defesa da imagem e da posição do grupo. Após ser eleito para a APL, o discurso incisivo de J. Miguel de Matos contra membros da instituição se abrande e as mágoas antigas, mesmo que não inteiramente dissolvidas, camuflam-se no momento em que os pares imortais são atacados na imprensa e em livros. Na obra *Mosaico*, escrita em 1976, J. Miguel de Matos reúne textos publicados em periódicos de Teresina, em especial no jornal *O Estado*, a defesa das produções



de Fontes Ibiapina, acusado de utilizar linguagem popular e palavrões em seus textos folclóricos, foi assumida pelo autor. Ao tecer suas próprias críticas, afirma, também, o significado de Fontes Ibiapina para a cultura piauiense:

*[...] tomado daquela pressa em produzir livros e mais livros, ao feitiço de Honoré de Balzac, com natural reflexo negativo para a sua obra literária, essa carreira me parece a razão mais aceitável, sem tirar dela o seu valor global, da vulnerabilidade de Fontes Ibiapina à sanha da crítica e à indiferença do leitor comum à sua vida literária, corroborada por um crítico da nossa tenda [...] Se outra não for a conclusão do mais erudito em crítica literária, com palavra mais abalizada sobre o difícil assunto, Fontes Ibiapina, na minha visão de aprendiz de ferreiro, tem uma fortíssima contribuição à cultura linguística do Piauí, como **contista**, como **romancista** e como **ensaísta** – três importantes ramos da literatura – que ele maneja com muita facilidade, fecundez e amor à terra natal. (MATOS, 1976: 119) [Grifos do autor]*

Os posicionamentos de J. Miguel de Matos citados ao longo do texto ajudam-nos a compreender não só o contexto político e social no qual ele estava inserido mas sobretudo os significados e representações alcançados com a imortalidade acadêmica. Articulando as falas desse sujeito com a de seus contemporâneos percebemos um desejo de institucionalização que será refletida numa visibilidade para suas obras e ações. Tal visibilidade é forjada a partir de interesses sutis ou declarados. A palavra escrita enunciada por J. Miguel de Matos para criticar ou para elogiar a fim de conquistar parcerias literárias garantem objetivos práticos como reconhecimento pessoal, edição de obras, salários e outras fontes de renda, imortalidade, visibilidade, legitimidade, enfim, uma série de privilégios que o reconhecimento literário poderia possibilitar, mesmo que, para tal fim, atuassem de maneira estratégica e também astuciosa com a desqualificação de pessoas e grupos emergentes no cenário cultural local.

Os fragmentos de discursos com as variadas posições de J. Miguel de Matos, antes e depois da entrada na APL, mostra que as posturas de qualificação e desqualificação adotadas antes de seu ingresso na instituição não se amenizam com sua entrada no sodalício, porém ganham novos sentidos. Agora, para legitimar suas falas e atitudes utiliza-se do argumento de que é imortal. A imortalidade para o autor não significou apenas o reconhecimento de seus atributos literários, mas um meio para estabelecer contatos com intelectuais buscando construir e defender uma imagem de si. O reforço de sua imagem serviria como instrumento para o alcance de maior visibilidade no cenário político e cultural do Estado.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. *Livro de atas da Academia Piauiense de Letras*. Teresina, 1973.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. (Org.) *Memória e (res) sentimento*. Campinas: UNICAMP, 2004.

CANDIDO, Antonio. Literatura e a vida social. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1980.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

EL FAR, Alessandra. *A Encenação da Imortalidade: uma análise da Academia Brasileira de Letras nos primeiros anos da República. (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

ENTREVISTA. *Cadernos de Teresina*, Teresina, ago. 1993, p. 40-41.

LEITE, Cristina. *Canções de hoje, canções de outrora*. Teresina: COMEPI, 1968.

MATOS, José Miguel de. *Mosaico*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

MATOS, José Miguel de. *Perfis*. Teresina: COMEPI, 1974.

MORAES, Herculano. *A nova literatura piauiense*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.  
*O Estado*, Teresina, 1975.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. *A dança das cadeiras: literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: UNICAMP, 2001.